



Os camponeses são alvo da violência mais severa; durante a guerra, cavaleiros costumam pilhar seus bens, praticando aquilo a que Dominique Barthélemy chama de “vingança indireta”, ação violenta que atenua, desvia e, por vezes, ajuda a encerrar as refregas entre aristocratas

# da antropologia do que a lhe dar’

**Barthélemy** – Sim, os poderes são bastante locais: depois do final do século IX, a França erige castelos em que estão assentados senhores e vassallos, “barões” e “vassallos de castelos”. No entanto, parece-me que exageraram sua autarquia e autonomia. Na verdade, há verdadeiras redes de castelos, entre as mãos dos príncipes regionais, grandes barões e de alguns prelados ou mantenedores de seu feudo. E em sua recomposição dos principados pós-carolíngios, portanto vassálicos, em minha opinião, é preciso seguir, com alguns reparos, a obra de Karl Ferdinand Werner.

Provavelmente é na casa dos grandes condes – e do próprio rei – que se difunde o ritual de adubamento e é seguramente nas guerras de príncipes que surge o torneio cavaleiresco, pois nelas se encontram adversários que são próximos o bastante para se compreenderem, se estimar mutuamente (e desprezarem juntos a canalha), e que são próximos o bastante para alimentar, entre si, ódios mortais ou querelas de herança. Assim, os torneios dão lugar a um espetáculo e também a um – relativo – *fair play*!

**JU** – Uma corrente de estudos sobre a cavalaria advoga que esta surge de uma classe social nova, em ascensão por volta do ano mil, que se consolida por volta do século XII por meio do apoio ideológico recebido da Igreja, que lhe confere legitimidade na medida em que aponta os cavaleiros como praticantes e defensores de ideais cristãos. O resultado mais evidente desse processo teriam sido as cruzadas. Como o senhor vê essas teses a respeito da cavalaria? Que lugar o senhor atribui à Igreja na história da cavalaria?

**Barthélemy** – Essa questão tem dois aspectos. Primeiramente, você evoca a teoria da ascensão de uma classe nova no século XI. Contra os teóricos da mutação do ano mil, à frente dos quais se encontra Georges Duby, “rompi lanças” na década de 1990, em um “torneio” mais cortês que destrutivo, mas de qualquer forma, o fiz com firmeza, pois, em minha opinião, essa tese é um erro completo. Ela me parece mesmo devastadora, pois, com essa ideia de uma classe ascendente carente de legitimação por volta de 1100, perdemos de vista

a emergência de uma classe burguesa urbana, rival dos cavaleiros, face à qual eles se sobrevalorizam elaborando a cavalaria clássica com o apoio real – embora limitado e ambivalente – de seus príncipes.

No que diz respeito à Igreja, penso que ela não participa de nada concretamente à mutação cavaleiresca [aquela que dá origem à “cavalaria clássica”] propriamente dita. Ela desaprova os combates frívolos dos torneios – sempre perigosos, a despeito do desejo de não se matarem entre si das pessoas de “boa extirpe” – e ela não toma parte nos adubamentos antes do final do século XII. A ideia e a prática da cruzada, que é uma guerra séria e autoqualificada de justa, assassina e sacrificial, estão em verdadeira antítese com o torneio e portanto com a cavalaria tal como a definimos – e tal como a amamos um pouco –, Maurice Keen e eu. É verdade, no entanto, que uma vez que desenvolveu a cruzada no mesmo momento em que viceja o torneio, a Igreja pode contribuir para a manutenção da presença da aristocracia: é uma outra sobrevalorização, concorrente e, logo, complementar da sobrevalorização propriamente cavaleiresca.

**JU** – Um certo discurso difundido por vários meios procura estabelecer a história como testemunho de uma longa inamistade entre cristãos e muçulmanos. Embora a historiografia comprove amplamente que essa visão é equivocada, ela é forte. Do ponto de vista das relações conflituosas entre cristãos e muçulmanos, a Idade Média pode nos ensinar algo?

**Barthélemy** – A guerra santa cristã e a dos muçulmanos se parecem como irmãs, com a diferença de que nesta última os religiosos não enquadram o jihad tão estreitamente como acontece com a cruzada. Acontece que, no enfrentamento, os inimigos se compreendem. Um autor árabe faz o elogio dos mamelucos chamando-os de “Templários do Islã” – mas, em princípio, os Templários não são cavaleiros cavaleirescos mas, sobretudo, soldados e milicianos, termos nos séculos XII e XIII que cabem a eles mais do que a quaisquer outros.

Dos dois lados, não é raro que, a despeito dos princípios, se misture um vivo desejo de glória e de lucro.

Acontece por outro lado que na Síria e na Palestina, entre 1100 e 1140, as relações entre os senhores francos e os senhores árabes ou turcos sejam coloridas por negociações, resgates, enfrentamentos lúdicos. Elas lembram mais a guerra feudal do que a guerra santa, e pode-se ter a impressão ao ler Usama ibn Munqidh, de um encontro e de uma convivência entre as duas cavalarias. Isso se mantém, no entanto, uma tendência limitada e passageira, sobre o fundo da guerra intersocietária, bem mais dura que as guerras feudais.

A convivência com os adversários muçulmanos é, em compensação, muito presente – ao lado do ódio pelo outro – no imaginário cristão. Em muitas canções de gesta, o adversário sarraceno é admirado, admirativo, com ele se compactua, mais, ou menos. Veja também tudo o que se escreveu de positivo a respeito de Saladino na Europa do século XIII sem que se encontre algo de comparável no imaginário árabe-muçulmano.

**JU** – Seu livro começa com uma breve referência às cruzadas que, ao lado dos torneios, concentram as atenções daqueles que pensam em qualificar as ações guerreiras propriamente cavaleirescas, como marcadas pelos ideais da cortesia e da abnegação. As cruzadas são um fenômeno para o qual as explicações ainda me parecem largamente insatisfatórias. O estudo da cavalaria de alguma maneira o ajudou a ter uma visão particular a seu respeito?

**Barthélemy** – A época das cruzadas corresponde àquela dos torneios, àquela em que a Igreja reprova e interdita formalmente estes últimos – tratando por meio de indulgências o caso dos cavaleiros mortos em torneio. Inicialmente opostas, essas duas práticas acabam por funcionar para a cristandade do século XII e do século XIII, como nossos músculos antagonistas. O torneio treina os cavaleiros para, entre outras guerras, a cruzada. E, mais do que isso, ele os coloca em pecado, ou seja, na necessidade de terem de se resgatar participando das cruzadas.

A ideia de cruzada contra os “infiéis” de fora (muçulmanos) e também de dentro (hereges) contribui muito para essa inflexão do

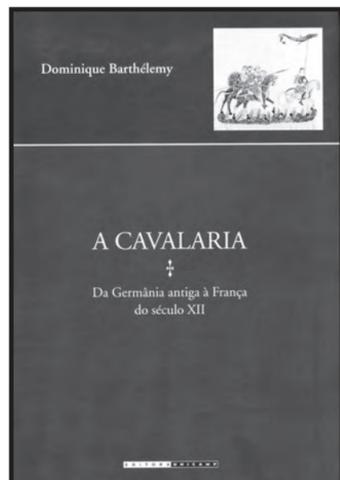
ideal cavaleiresco ainda mais na direção do recrutamento ao serviço da Igreja e das monarquias nacionais, da qual eu falava há pouco.

**JU** – O cerne de seu estudo a respeito da cavalaria é devedor à antropologia, mas também a um procedimento metodológico típico dos estudos históricos, que é a forte crítica documental. É sempre por meio dela que o senhor estabelece o diálogo com as teses de seus colegas do presente e do passado o que dá uma grande força argumentativa a seu texto. O senhor consegue fazer um balanço do futuro da história? Acredita que ela se manterá uma área de produção do conhecimento autônomo? Continuará fortemente interdisciplinar?

**Barthélemy** – Não sei se a história vai manter sua autonomia em relação às ciências sociais, mas eu gostaria! Seria melhor que a antropologia, ou a linguística, ou outras ciências, permanecessem para a história, disciplinas auxiliares. A “problemática” é estimulante, ela protege contra muita ingenuidade e contrassenso, mas é preciso que ela não eclipse todo o resto, que venha a dissuadir os historiadores de observarem bem os textos (ou outras fontes), seus detalhes, suas dificuldades e de buscar neles o novo, o inatingido, tudo o que surge nos documentos cada vez que estes são lidos sob a injunção dos interesses de cada novo momento social, sob a pressão daquilo que lhe é importante e que constitui um novo valor.

A história é feita para que nos desprendamos de nós mesmos nos confrontando com a alteridade do passado, a seu desafio e não para nos confortar. Ela é feita também para nos ensinar a complexidade das sociedades e a dificuldade de seu estudo. Ela é feita, enfim, para nos lembrar do trágico, ou o sabor do destino humano. Gostaria muito que meu livro sobre a cavalaria tivesse contribuído para isso. Será que consegui?

**Néri de Barros Almeida** é professora de História Medieval da Unicamp e coordenadora associada do Laboratório de Estudos Medievais (Leme), que reúne professores e pesquisadores da área atuantes na Unicamp, USP, Unifesp, UFMG e UFG



## A Cavalaria Da Germânia antiga à França do século XII

**Autor:** Dominique Barthélemy  
**Tradução:** Néri de Barros Almeida e Carolina Gual  
**Páginas:** 624 páginas  
**Área de interesse:** História  
**Preço:** R\$ 80,00

**Sinopse:** O que foi historicamente a Cavalaria? Seus registros na documentação medieval não estão limitados às narrativas ficcionais, e é legítimo perguntarmos que ligação a literatura cortês, que nos fascina com Lancelote, Ivan e Tristão, tem com a Cavalaria tal como nos surge a partir de um quadro documental mais vasto. Em nossa memória, entram em acordo e, por vezes, se diluem em dado comum os conceitos de Cavalaria e cortesia. No entanto, ambos merecem tratamento histórico diferenciado. O que, portanto, define a Cavalaria? Dominique Barthélemy discute essas questões com profundidade e convence-nos do quanto nossa imaginação da Cavalaria é quixotesca e quão mais antiga e complexa é sua realidade documental. (Néri de Barros Almeida)